

PROFISSIONAIS DO SEXO

UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DO ESTIGMA DA PROSTITUIÇÃO

Vanessa Petró*

Introdução

O presente artigo tem o intuito de desenvolver algumas idéias acerca de comportamentos desviantes ou estigmatizados como é o caso da prostituição. Para a realização deste parte-se de algumas leituras sobre a teoria do comportamento desviante e sobre a prostituição¹. Delimitamos como ponto de partida para a pesquisa o Núcleo de Estudo sobre Prostituição (NEP). Trata-se de uma associação de prostitutas que conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e do Ministério da Saúde e visa dar apoio às profissionais do sexo, seja quanto à questão da preservação da saúde, seja a quanto à construção da auto-estima, seja na busca dos seus direitos sociais. Iniciaremos com algumas considerações teóricas acerca do tema e partiremos para uma exposição sobre o NEP e, por fim, faremos uma breve análise sobre a prostituição, tendo por base a realidade das garotas de programa ligadas ao NEP.

Comportamento Desviante e Estigma

O indivíduo lê o mundo a partir da sua vivência, das suas tradições e costumes. As diversidades culturais são muitas e as pessoas formam grupos que se organizam conforme suas proximidades e identidades. Entretanto, as diferenças nem sempre são consideradas desta forma, ou seja, como maneiras de ler a realidade. Mas como um desvio – um equívoco – daqueles que agem de maneira contrária à estabelecida por determinado grupo. Não se considera que o desviante possa estar apenas interpretando a realidade, mas imagina-se que ele não vê um sentido e, portanto, age em descompasso. Encarando os fatos desta maneira estariam concebendo a cultura como algo acabado e homogêneo, mas se a encaramos de forma contrária perceberemos que é a interação dos indivíduos que a forma e assim as atitudes divergentes não seriam um desvio, mas um caráter diferente de interpretação proveniente de uma realidade dinâmica que está sempre em movimento se construindo e, portanto, podendo se transformar, pois os indivíduos não desempenham papéis únicos ou permanentes, mas experiências particulares (Velho, 1985).

A partir dessa perspectiva não podemos desconsiderar as contribuições de cada indivíduo e nem considerá-las como um “problema” passível ou não de solução, pois eles estariam construindo a identidade nessas relações, e isso não seria necessariamente passível de um desvio, seja ele proveniente do próprio indivíduo, seja da estrutura social. O desvio nada mais é que a “acusação”, de um indivíduo a outro, que acontece na interação e no jogo de poder entre eles. Determinados grupos estabelecem normas de acordo com o poder que têm, assim há também um jogo, no qual os mais fracos precisam se submeter àqueles que tiveram mais influência e conseguiram determinar as normas. Contudo, isso não é fixo. Há sempre uma possibilidade de mudança de parâmetros e do estabelecimento de novos grupos. Quando determinados indivíduos rompem com os códigos até então estabelecidos naquela realidade automaticamente são colocados à margem, excluídos e não aceitos, enfim são definidos como pessoas que possuem comportamentos desviantes. Geralmente essas pessoas são encaradas como doentes, criminosas ou perigosas.

* Artigo escrito por alunas do 5º semestre do Curso de Ciências Sociais e orientado pela Dra. Lúcia Müller

¹ Este texto tem embasamento em pelo menos três autores: Gilberto Velho, com *Desvio e Divergência* (1985); Erving Goffman, com *Estigma* (1988) e Maria Dulce Gaspar, com *Garotas de Programa* (1985)

Segundo Gilberto Velho, quando se usa a denominação de “desviante” a esses comportamentos diferentes que vão se estabelecendo não se considera a complexidade e, muito menos, a dinamicidade das relações sócio-culturais, pois as “conturbações” seriam fruto das relações dos indivíduos no espaço social.

Para tratar das questões de interesse neste momento faz-se necessário recorrer à literatura das Ciências Sociais sobre o conceito de *estigma*. Neste sentido encontramos a obra de Goffman². Para este autor estigma é um atributo depreciativo conferido a um indivíduo, partindo de uma determinada característica, tornando-a totalizadora e que é incongruente ao estereótipo criado de como as pessoas devem ser ou agir. Desta forma, o estigma passa a existir a partir das relações entre as pessoas, ou seja, dos choques entre os “normais” e os “anormais”. É estabelecido um estigma a partir de uma determinada característica do indivíduo e ele passa a ser reconhecido apenas por ela como se em todos os momentos agisse utilizando apenas aquela identidade. Em contraposição, as pessoas estigmatizadas vão tentando manipular a sua identidade tentando sempre mostrar a “melhor face”. Este é um processo de racionalização e relativização da identidade e que também constrói a mesma, a partir de como o indivíduo se vê, como o grupo a que pertence o vê e como os demais membros da sociedade o concebem através da sua conduta.

Profissionais do Sexo: *Representações e Relativizações*

Para fins de identificar empiricamente os conceitos acima tratados e poder contribuir para a compreensão desses fenômenos sociais, trabalharemos aqui com uma conduta considerada desviante que é a prostituição. Pretende-se realizar um estudo, de caráter antropológico e bastante delimitado, com o NEP que é um grupo formado por garotas de programa.

O NEP está organizado desde 1989 e conta com o apoio da prefeitura de Porto Alegre. A idéia de formar esse grupo nasce de algumas garotas de programa que foram convidadas para participar de palestras sobre a prevenção de doenças, na época promovidas pela AGAPA, a partir disso resolvem formar um grupo próprio para tratar das questões ligadas à prostituição. Apesar de denominar-se como Núcleo de Estudos sobre Prostituição, o caráter da instituição não é este, mas apenas o de trabalhar com a prática das garotas de programas, estimulando os cuidados com a saúde e a defesa dos seus direitos sociais, proporcionando meios para o reconhecimento da identidade das mesmas e promovendo sua auto-estima.

Para fins deste estudo, estabelecemos um breve contato com o NEP para que pudéssemos ter conhecimento de como se organizam as garotas de programa ligadas ao núcleo e quais são as representações que elas têm acerca da atividade que exercem, bem como as relações que estabelecem com a vida social dita “normal”. A pesquisa no NEP deu-se através de um encontro com algumas participantes do núcleo, todas elas eram garotas de programa e tinham uma função ligada à coordenação, além de serem membros do núcleo desde a sua formação. Na ocasião da visita percebemos boa receptividade por parte do grupo, o qual mostrou-se solícito, disposto a colaborar com a pesquisa. Contudo, verificamos a preocupação por parte das mesmas em saber qual seria a finalidade da pesquisa, pois apresentam receio de que a sua atividade venha a ser exposta no meio onde seus filhos convivem, porque isso poderia fazer com que eles sofressem preconceitos. Feita tal ressalva, podemos considerar que no mais não ocorreram restrições por parte do grupo, inclusive percebemos que elas se mostram abertas à discussão sobre a prostituição, imaginando que podemos ajudá-las por estarmos interessados em conhecer as atividades realizadas pelo NEP.

A prostituição, da mesma forma como os demais estigmas, exerce um caráter totalizante na identidade das pessoas a quem é atribuída. Portanto, estabelecido um atributo, essas pessoas passariam a se constituir apenas por ele em todos os momentos, como se não fizessem outras coisas e como se não houvessem diferenças no interior do grupo, no caso em

² Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (1988)

estudo, as prostitutas. Entretanto, no caso em estudo percebemos que há uma constante relativização por parte das garotas de programa a respeito disso. Sempre procuram estabelecer hierarquias para demonstrar que não são todas iguais

“...tem muitos tipos de garotas... tem aquelas que estão ali porque precisam do dinheiro para sustentar os filhos e aquelas que só querem se drogar e se prostituir...”

A partir desse discurso percebemos as hierarquizações que fazem demonstrando que elas não são todas iguais. Podemos perceber que ocorre a intenção de jogar a imagem negativa àquelas que teriam uma conduta não aceitável para as regras do grupo². São sempre as outras que têm uma conduta desviante e assim tiram, neutralizam a imagem de que seriam todas iguais. Demonstram, desta forma, que cada grupo estabelece suas próprias regras, o código que vão seguir. Não é porque desenvolvem uma conduta “desviante” que elas não têm seus códigos e parâmetros de ética.

“... a prostituta tem muito mais ética que qualquer profissão, muito mais que político, que advogado, porque ela nunca comenta com as outras o que aconteceu com o cliente... o que acontece fica entre quatro paredes, porque ele vai ser um freqüentador da casa, então a gente tem que respeitar...”

Assim como caracteriza Maria Dulce Gaspar, é muito presente a suposta história de vida das garotas de programa. Quando falam sempre há espaço para dizerem como é que se tornaram prostitutas. Mas não se sabe até que ponto o que contam é a verdade, pois criando histórias de vida poderiam estar preservando a verdadeira identidade e até mesmo gerando piedade através de histórias sofridas. A principal causa da prostituição é unânime, entre as garotas que tivemos contato, é a falta de dinheiro num sistema de competição econômica que se acirra cada vez mais, exigindo muito dos concorrentes ao mercado de trabalho.

“... pra conseguir qualquer emprego te pedem estudo... quem é que consegue emprego com 40 anos, hoje? Na prostituição não tem isso... não tem idade, nem gorda, nem magra... a gente ganha muito mais do que uma empregada doméstica...”

A questão econômica seria o que leva uma mulher a tornar-se prostituta. Entretanto, aqui também estão presentes as hierarquias, não são todas que agem desta forma simplesmente pela falta de dinheiro, mas também para manter um determinado padrão de vida. Utilizando a necessidade de sobrevivência para exercer esta atividade ocorre a legitimação da mesma e também uma espécie de piedade que justificaria a conduta. Nos casos analisados geralmente elas precisam sustentar os filhos, a família, ou pagar os estudos. Seria para dar condições dignas aos filhos que agiriam assim. Observamos um apeço muito forte à família e também um discurso de que muito mais capazes de cuidar dos filhos do que as “mulheres de família”

“... filho de prostituta não é menino de rua... não é porque a gente é prostituta que não cuida bem... são cuidados até melhor que muita dona de casa por aí...”

O apego à família é bastante visível e geralmente os filhos têm conhecimento da atividade exercida por elas e aceitam.

³ C.f. Maria Gaspar Dulce, em Garotas de Programa (1985)

Na tentativa de legitimar a “atitude desviante” elas ainda atribuem uma utilidade social para a prostituição. A existência de garotas de programa seria uma forma de não levar a sociedade ao caos, seriam um “mal necessário” que manteria o funcionamento da sociedade protegendo a família de um instinto sexual masculino não satisfeito (Maria Dulce Gaspar, 1985).

“... se existindo prostituta os índices de estupro são tão altos imagina só se a gente não existisse... não daria mais pra sair na rua...”

Em comparação com outros países onde a prostituição foi estudada e conforme retrata Maria Dulce Gaspar em seu trabalho³ percebemos que no Brasil há uma flexibilidade nas relações das garotas de programa com os locais onde trabalham sejam essas as zonas, sejam as próprias casas. Segundo os relatos das garotas do NEP existe a liberdade para mudar de casa e também de ponto, para as que trabalham na rua. No entanto, como se trata de uma forma de “ganhar dinheiro” é presente a concorrência entre estes estabelecimentos.

Durante este artigo nos referimos às prostitutas usando esta mesma denominação ou oscilando com “garotas de programa”. Contudo, elas não se definem desta forma, mas como “profissionais do sexo”. Observamos que elas passam a usar esta denominação depois de ingressarem no NEP e de a partir das atividades realizadas ali construírem uma identidade ou como dizem “ter auto-estima”.

“... hoje em dia eu já digo profissional do sexo, mas antes dizia prostituta quando ia abrir um crediário, mas não tinha essa profissão. Agora tem, já é uma ocupação...daí eu já digo profissional, não por orgulho, porque a gente não se orgulha de ser uma prostituta...”

Segundo a definição das garotas de programa ligadas ao NEP, as profissionais do sexo são aquelas mulheres que trabalham pelo dinheiro e, eventualmente, podem consumir drogas, mas seu objetivo é cumprir com o seu trabalho, satisfazendo o cliente e recebendo o pagamento no final para poder suprir às suas necessidades econômicas. Também consideram uma profissão pelo fato de já serem encaradas desta forma por segmentos da sociedade, a prostituição já consta no IBGE como uma ocupação e elas já podem declarar isso quando, por exemplo, vão abrir um crediário numa loja. Este foi um grande avanço, segundo elas, e que tem mudado muito a forma como são tratadas, pois atualmente já têm direitos previstos e isso muda a forma como são abordadas, por exemplo, pelos policiais, inclusive dentre as atividades que desenvolvem elas dão cursos para policiais mostrando a forma como devem agir quando forem abordá-las. Segundo as profissionais do sexo a garantia, em lei, desta atividade não ameniza os preconceitos, mas dá garantias.

É notável que o tempo inteiro precisam recorrer a categorias que relativizem e hierarquizem a condição de prostituta. Isso ocorre em relação à imagem que a sociedade tem destas e estaria as enquadrando de maneira igual, quando elas não se consideram assim e nem mesmo são. O discurso delas é um diálogo com os preconceitos que sofrem, na medida em que passam a manipular as acusações sofridas estabelecendo hierarquias.

“Em relação ao atributo que afirma serem todas iguais, o que implica vulgaridade e as totaliza sob o estereótipo de prostituta, as garotas apresentam um discurso bastante enfático evidenciando a hierarquização existente no interior dessa categoria e se opõem a maneira vigorosa aos segmentos considerados inferiores, sobre os quais recaem os próprios preconceitos.”(Gaspar, 1985;p.119)

⁴ Ver capítulo III “A Literatura sobre Prostituição”, do livro Garotas de Programa (1985).

Considerações Finais

Neste estudo não pretendemos esgotar a análise sobre o tema. Apenas levantamos algumas questões acerca de uma conduta considerada desviante, tentando confrontá-la com algumas das teorias existentes que tratam do tema abordado. A partir da realidade observamos que o jogo de identidades e atribuição de estigmas está sempre tentando ser relativizado pelos estigmatizados. As garotas de programa estão, permanentemente, recorrendo a hierarquizações e jogando com os preconceitos tentando dar legitimidade as suas ações através da necessidade econômica que leva a isso ou pela necessidade social desta atividade, pois com esta atividade estariam contribuindo para a satisfação de desejos mal resolvidos.

Através da atribuição de significados e legitimações da atividade estão fazendo a construção da própria identidade, tentando apresentar sempre o “lado mais bonito da face”, mas mesmo a partir das relativizações permanece o estigma de terem um comportamento, por princípio, desviante.

Bibliografia

GASPAR, Maria Dulce. A literatura sobre prostituição. In: *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. O Jogo de Atributos: A construção da identidade social da garota de programa. In: *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro : LTC,1988.

VELHO, Gilberto. Um estudo do comportamento desviante: A contribuição da Antropologia Social. In: *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.